

HIP HOP COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO: DOGMAS MARGINAIS

Daniel

ILA - FURG

Associado/a/e ANPAP: Não

Ana Carolina Sampaio Zdradek

ILA - FURG

Associado/a/e ANPAP: Não

RESUMO

Esta pesquisa versa sobre o entendimento da cultura Hip Hop como ferramenta de inclusão e resgate social de pessoas em comunidades periféricas. A partir de vivências práticas, ativismos e coletividade comunitária e com embasamento em obras que discutem as formas de educação no território Brasileiro, como Freire (1987, 2000), Gadotti (1988) Silva, (2001) e Bauman (2013), mas também o espaço público de Appel (2019), é feita uma discussão acerca da produção visual, também em diálogo com a educação popular, desde a pedagogia do oprimido, de Freire `as juventudes e sua construção intelectual. Discute-se a importância dessa ferramenta – Hip Hop – e sua linguagem popular de fácil entendimento e notória eficácia para a construção intelectual, cultural e social do indivíduo e de seu território. Partindo na narrativa e relatos de experiência de ações, projetos e perspectivas na voz do Mc, produtor cultural e audiovisual, Dani Bi, em seu território natal (Bairro Getúlio Vargas) periferia do Município de Rio Grande, extremo sul do Mapa.

PALAVRAS-CHAVE

Hip Hop. Educação popular. Perspectivas, Dani B, Relato

INTRODUÇÃO

Conforme diversas referências, o Hip Hop chegou ao Brasil em meados dos anos 80 e rapidamente se tornou uma ferramenta poderosa de inclusão nas comunidades periféricas. O Hip Hop se divide em quatro elementos, Mc, Dj, B boy e grafite. O movimento Rap logo seria adotado como a cultura Hip Hop dando voz àqueles que não tem voz, dentro de uma estrutura social desumanizada, cruel e violenta com aqueles que vivem em regiões periféricas às margens dessa sociedade. É nesse cenário distópico que o protagonismo de personagens e coletivos surgem como força dando as mãos uns para os outros usando a cultura Hip Hop como sua linguagem, estilo e crítica social para tensionar essa estrutura.

O autor Paulo Freire (1987, p. 41) nos convida a desenvolvermos uma educação libertadora num pensar dialético entre mundo e ação.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na praxes, com sua transformação; O segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação.

Nesse contexto, o Hip Hop no Brasil surge nos grandes centros como São Paulo e logo chega ao interior do país e nas periferias tensionando o status quo, implantando a reflexão crítica das formas de ferramentas educacionais até então utilizadas na formação do indivíduo. Tendo como base as pautas de autovalorização, direitos civis e humanos, resgate social, crítica política e antissistema o Hip Hop torna - se uma ferramenta fundamental que dialoga com as comunidades periféricas e trás para esses territórios uma forma palpável e real de luta e resistência.

Segundo Freire (1987) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção, a educação precisa ser problematizadora e esperançosa. Esse pensamento dialoga diretamente com a forma como a cultura Hip Hop se estrutura nas periferias urbanas, promovendo a autonomia de sujeitos historicamente excluídos. Os encontros em batalhas de rima, oficinas de grafite, rodas de break e produção musical não apenas desenvolvem habilidades artísticas, mas também operam como atos pedagógicos, fomentando o pensamento crítico, a autoestima e a identidade coletiva.

Articulação entre a instituição escolar e formas “alternativas” de educação tem crescido nos últimos anos. Há um movimento de renovação da escola (sobretudo da escola pública) que não partiu do

seu interior, mas justamente de “fora” dela, do seu questionamento na sociedade civil.

Isso é evidente nas letras de rap que denunciam o genocídio da juventude negra, o racismo institucional, a violência policial e as desigualdades estruturais.

O grafite, por exemplo, atua como ferramenta de alfabetização visual e leitura crítica do espaço urbano. Ao intervir nos muros da cidade, os artistas questionam a quem pertence a cidade, revelando camadas invisíveis da exclusão. Essa prática se relaciona com o conceito de “leitura do mundo” presente na obra de Freire. Para ele, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989). Logo, ao ler e intervir criticamente no espaço urbano, os sujeitos se apropriam da cidade e de sua própria história.

RELATOS DE DANI B – UMA PESQUISA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DO RELATO DE EXPERIÊNCIA

A partir desse momento nos primórdios de sua chegada no Brasil, o Hip Hop é marginalizado e voltado as minorias marginalizadas da sociedade negros, pobres e periféricos em um contexto racista e opressor de uma sociedade que por um longo período a discriminou. No município de Rio Grande não foi diferente, mas algo estava acontecendo em um dos bairros mais antigos da cidade Getúlio Vargas um jovem militante do movimento negro Dani Bi começa a trabalhar forte com a cultura Hip Hop utilizando um dos seus elementos, o Break como expressão, dando início a uma grande caminhada cultural que reverbera até hoje.

No ano de 1987, Dani Bi cria o primeiro grupo de break no município, Eletros Ballet Axé, com o apoio de dois personagens cruciais na introdução do Hip Hop na região no extremo sul, Luiz Henrique de Lima (TATÁ) e Mc Piva (CLEIDI) ambas figuras chaves nesse processo, donos de uma das mais potentes Discotecas da época - AXÉ MUSIC SOM, do bloco Bangladesch. O grupo Eletros Ballet Axé ficou muito em evidência na mídia da época, levando o break para os municípios da região, Locais como Estrela do oriente, Braço à Braço locais voltados a comunidade negra testemunharam em seu salão social a força do movimento Rap.

Dani Bi, primeiro Mc a cantar um rap em base instrumental, (Imagem 1) mais uma vez dando um chute inicial a uma nova fase no do movimento rap, que ainda era um bebê engatinhando no extremo sul, inspirando muitos outros jovens a fazerem suas primeiras rimas o que de certa forma fez com que essa nova forma de expressão a rima torna - se a linha de frente no front como a voz do movimento. Os anos se passaram tanto a

nível nacional e regional e as coisas continuaram sem muitas mudanças, até que tudo mudaria drasticamente com o advento de novas tecnologias, depois de um período de nostalgia entre 1995 à 2000 a internet chega e começa uma nova era com novas perspectivas e mais uma vez a Cultura Hip Hop se reinventa no processo.

O Peixeiro

TERÇA - Rio Grande, 21 de julho de 2009

para a ARTE do RAP



esporte. E com o esporte, explorar os elementos que compõem a cena do movimento hip hop.

"Ele agrega e contempla num mesmo cenário escolar o basquete e o skate, enquanto atividades esportivas, o rap como música e o grafite como uma manifestação artística, fazendo com que a cultura fique reunida num só foco", evidencia Dani Bi. Também no local seriam realizadas oficinas, dando a oportunidade para que os jovens se envolvam com a cultura presente em seus bairros. Nos planos de Dani Bi, a ideia de estender a iniciativa para os demais bairros do Município, criando torneios de basquete. "Assim, futuramente, poderíamos pensar em competições a nível regional e até mesmo estadual", fundamenta Dani Bi.

Para ele, durante os encontros também poderiam estar presentes informações sobre higiene e saúde e de educação ambiental. "É a cultura pura sendo disseminada através do entretenimento, no qual os moradores também passam a contar com bons momentos para o lazer e a confraternização", define ele, lembrando da última situação do projeto em que foi selecionado para participar do projeto.

Apoio é necessário

Segundo o rapper, para o projeto atingir uma maior dimensão, ele precisaria contar com o apoio das autoridades e das entidades presentes na cidade. Dani Bi critica e defende uma descentralização da cultura, manifestada, segundo ele, apenas no centro da cidade. "Assim como os jovens de outros bairros não vão vir até o BGV, é muito difícil as comunidades disporem de recursos financeiros para se deslocarem até o centro e pagar para participar das ações culturais. Por isso, a importância do projeto ir até os bairros", conclui.

O DVD

O novo trabalho do grupo Negos do Fundão pode ser adquirido nas lojas The Brooklyn, avenida Silva Paes, 287, e na Companhia do Som, localizada na rua Marechal Floriano, Galeria São Pedro. E para prestigiar a cultura produzida na cidade e curtir um bom rap, genuinamente rio-grandino, o custo do DVD "RG Extremo Sul" é de apenas R\$ 10,00. O trabalho também pode ser adquirido com os próprios integrantes. Mais informações sobre o grupo com o rapper Dani Bi, através do número: (53) 9951-4691.

Li mostra a qualidade de vídeo clipe produzido numa máquina fotográfica digital

seco personagens do cotidiano da de, como por exemplo os catadores de lixo.

ante

O grupo trabalha agora para atingir o subúrbio da comunidade rio-grandino, mas também para expandir e disseminar a cultura do rap e do hip hop no município, pois, segundo eles, os movimentos ainda são extremamente discriminados, deixados de lado pelas autoridades. "O rap existe na cidade, porém ele é ignorado. As pessoas fingem que não o conhecem. Acho engraçado como a cultura local é desacreditada por todos. Principalmente quando a arte é produzida nas favelas. E, ao contrário do que muitos acreditam, é nelas que estão pessoas de talentos imensos. Artistas que atuam no teatro, nos mais variados gêneros musicais. Ninguém os valoriza, não há expressão destes grupos. Ligamos o rádio local e o que escutamos são artistas do rap de âmbito internacional, quando há muitos artistas lutando por espaço aqui", ressaltam os integrantes do grupo.

Liga

Projetos não faltam aos integrantes do grupo Negos do Fundão. É de autoria de Dani Bi, Assis e Alembert o projeto intitulado Liga Urbana de Basquete de Rua, iniciada em junho de 2008, numa das escolas do bairro Getúlio Vargas. Conforme os autores, o projeto foi criado para ser desenvolvido no âmbito escolar, aos finais de semana, no objetivo de promover torneios de basquete, incentivando crianças e jovens das periferias a terem amor ao



Rapper Timbozo no estúdio de gravação (som e imagem) improvisado na casa de Dani Bi

Imagem 1. Jornal o Peixeiro. A arte do Rap. Arquivo do autor. 2009.

No ano de 2004, Dani Bi cria um projeto audiovisual chamada periferia em foco que de forma independente lança o primeiro vídeo clip da cena hip hop na região chamado Direto do Fundão, uma produção independente em uma época onde as ferramentas de produção eram muito experimentais, o clipe direto do fundão logo tornou se um ponto de virada, onde fez com que todos os outros Mc's, agentes também corressem atrás para fazer um clipe. O Youtube ainda era uma ferramenta experimental e um mundo novo a ser explorada em benefício a cultura Hip Hop. Em 2006 Dani Bi cria LUBR Liga de Basquete de Rua, com a intenção de unir o Hip Hop com práticas esportivas realizando torneios de Basquete Trio tem todo um evento que agregava esporte, musica, ação social em um mesmo ambiente, fazendo com que a Cultura Hip Hop na sua mais integra forma tivesse o protagonismo na transformação de um território periférico.

No ano de 2010 o Projeto Periferia em Foco tem seu reconhecimento, sendo contemplado com o prêmio Cultura Hip Hop Edição Preto Ghoz do MINC, e mais uma vez Dani Bi trás para cena uma nova possibilidade, mostrando para os agentes da cultura hip hop que era possível escrever projetos com nossa linguagem e angariar recursos via edital, em 2011 Dani Bi cria Radio BGV FM ferramenta importante no ar até hoje no bairro Getúlio Vargas, em 2021 Dani Bi é contemplado com o Podcast Papo a Kilo pela Fundação Marco Polo. Atualmente Dani Bi é estudante de graduação em artes visuais buscando evoluir e de forma contundente levar para a sua comunidade conhecimento e o entendimento que a cultura hip hop na sua forma mais potente é capaz de resgatar, dar sentimento de alto valorização para o individuo e para seu território.

A atuação dos coletivos de Hip Hop em projetos sociais, escolas públicas e centros culturais também configura uma pedagogia da escuta e da solidariedade. Esses espaços valorizam a escuta ativa, o respeito às narrativas locais e o protagonismo juvenil. Como aponta Gadotti (1998), "a educação popular está intimamente ligada aos movimentos sociais, sendo inseparável de seu caráter político." O Hip Hop, nesse sentido, ultrapassa a dimensão estética para atuar como movimento político-educativo, moldando novas formas de sociabilidade, cidadania e resistência.

A pedagogia do oprimido, proposta por Freire (1989), sustenta que a verdadeira libertação se dá quando o oprimido se torna sujeito de sua própria história. O Hip Hop materializa essa proposta ao criar espaços onde jovens periféricos não apenas denunciam suas condições, mas constroem alternativas de vida, elaboram discursos críticos e recriam suas existências. Ao fazer isso, se posicionam como agentes ativos

da transformação social, protagonizando uma pedagogia que nasce da margem, mas que se projeta para o centro da luta política.

Nesse sentido, a cultura Hip Hop pode ser lida como um exemplo contemporâneo da pedagogia do oprimido em ação, pois realiza, na prática, o que Paulo Freire definiu como o “ato de amor e coragem” necessário para transformar a realidade. Ao tensionar a lógica excludente da sociedade brasileira, o Hip Hop denuncia, mas também anuncia, formas de ser e estar no mundo que subvertem a ordem vigente.

Dessa forma, é fundamental que as políticas públicas de educação reconheçam e valorizem os saberes produzidos nas periferias urbanas. A inserção da cultura Hip Hop nos currículos escolares, bem como o apoio institucional aos coletivos culturais, constitui um passo essencial para a democratização do conhecimento e o fortalecimento da cidadania. Como enfatiza Gadotti (2000), não há verdadeira educação sem participação, sem diálogo, sem compromisso com a justiça social.

Portanto, ao se apropriar da linguagem da rua e transformá-la em arte, o Hip Hop ressignifica as experiências de exclusão e violência, propondo uma nova pedagogia que tem como base o respeito, a escuta e a ação coletiva. Trata-se de uma prática que, assim como propunha Freire, acredita na capacidade dos oprimidos de reinventar o mundo e construir uma sociedade mais justa.

Precisamos pensar na educação pela via das políticas identitárias marcadas pela filosofia da diferença (SILVA, 2000). Bauman (2013) menciona que vivemos uma sociedade marcada pelo consumo como organizador social e trabalhar o Hip Hop como ferramenta de inclusão com as juventudes promove o pensamento crítico sobre a forma como consumimos. Por fim, a partir de Appel (2019), e nos estudos específicos das práticas artísticas na arte urbana “os lugares que habitamos durante a nossa vida não são lugares passageiros e inespecíficos, mas lugares modificados a partir da nossa vivência”.

Referências

APPEL, Janice. **Origens e transformações do uso do espaço em arte pública de novo gênero e a formação de novas poéticas**, Anais da Anpap. 2019. Disponível em: https://anpap.org.br/anais/2019/PDF/ARTIGO/28encontro____APPEL_Janice_Martins_Sitya_2216-2230.pdf

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre Educação e Juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Educação popular:** uma pedagogia para a autonomia dos povos. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2000.

_____, Moacir. **Pensamento Pedagógico Brasileiro.** São Paulo. Editora Ática: 1988.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.